

"A Província Mineral de Carajás é constituída por um conjunto de serras que ocupam 450 mil hectares de terras situadas 500 km a sudoeste de Belém (Pará). No alto das serras com 700 metros de altitude, uma vegetação rasteira - que nas encostas se adensa, transformando-se numa floresta exuberante - e vários lagos, perenes ou temporários, escondem 18 bilhões de toneladas do melhor minério de ferro do planeta... Da serra, o ferro e o manganês já estão sendo escoados por uma ferrovia de 890 km até o litoral do Maranhão. De acordo com a ótica da CVRD, dentro de um ano a produção de ferro chegará a 35 milhões de toneladas, a meta de um projeto que exigiu 2,8 bilhões de dólares. Logo a ferrovia estará carregando 1 milhão de toneladas de manganês e talvez no início da próxima década também já esteja transportando concentrado de cobre...

Junto com estas atividades de mineração, indústrias siderúrgicas (movidas a carvão vegetal) vão rapidamente ocupando espaços ao longo da ferrovia...

O surgimento dessas atividades provocou um êxodo humano que deu à cidade de Marabá 20% da população de Belém e espalhou no espaço entre a cidade e a serra aproximadamente 150 mil pessoas aglomeradas em algo que se assemelha a cidades... O que quer dizer que nestes últimos 10 anos a população da região de Marabá decuplicou.

Ao instalar uma portaria no pé da serra e planejar uma cidade asséptica em Parauapebas, a CVRD parecia ter a ilusão de poder isolar-se do mundo ao redor, que se adensava e ampliava como uma ameiba miserável. Mas este escopo disforme e caótico é perpassado pelos trens modernos de carregar minério. Nos dois pontos extremos de sua linha, a mina e o porto, ele está atualizado à época. No meio, os conflitos com os índios, garimpeiros e posseiros, sugerem que estamos pelo menos um século e meio atrasados. A atualização é econômica. O atraso é social. O Estado empolga-se com o primeiro e distribui migalhas ao segundo. A consequência é o permanente estado de tensão e sobressalto, que constantemente resulta em explosão" (LÚCIO FLÁVIO PINTO, trechos de seu artigo no jornal O Liberal, Belém, 04/10/86.)